

A FENOMENOLOGIA DA VIDA: APONTAMENTOS SOBRE AFETIVIDADE E NÃO-INTENCIONALIDADE PARA A FUNDAMENTAÇÃO DE UMA ÉTICA NO PENSAMENTO DE MICHEL HENRY

Janilce Silva Praseres¹
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

RESUMO:

Como toda pesquisa, a fenomenologia sugere pressuposições. O conhecimento sobre o conteúdo de uma "nova" fenomenologia, no caso a material ou da vida, compõe uma relação ímpar no horizonte da contemporaneidade. Este trabalho investiga dois pontos fundamentais deste pensamento: a afetividade e a não-intencionalidade, o que possibilitou uma visão sobre a ética presente no pensamento de Michel Henry.

PALAVRAS-CHAVE: Fenomenologia; Afetividade; Não-intencionalidade.

PHENOMENOLOGY OF LIFE: NOTES ON AFFECTIVE AND NON-INTENTIONALITY FOR REASONS OF ETHICS IN THE THOUGHT OF MICHEL HENRY

ABSTRACT:

Like all research, phenomenology suggests assumptions. Knowledge about the contents of a "new" phenomenology, in case the material or of life, forms a unique relationship in the contemporary horizon. This paper investigates two fundamental points of this thought: affectivity and non-

¹ Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Rio Grande do Sul – Brasil. Integrante dos Grupos de Pesquisa: Fenomenologia do Corpo e da Afetividade (UFSM), Fenomenologia da Vida: o que pode um corpo? (O grupo insere-se no Projeto de investigação "O que pode um corpo?" da Universidade Católica de Lisboa) e, ainda, integrante do Grupo Movimentos Sociais Educação e Cidadania na Amazônia (UEPA). E-mail: janilce.silva310@outlook.com

intentionality, which allowed a view on ethics in this thought of Michel Henry.

KEYWORDS: Phenomenology; Affectivity; Non-intentionality.

Introdução

A fenomenologia encontra-se na fronteira de muitos filósofos, pois lida com complexos problemas relativos à existência, ao ser, entre outros. Traduz-se em um vasto domínio que pode ser descrito como dilema, um universo de fato; o qual dominar a totalidade dos desdobramentos é desafiante e aborda um mosaico de visões.

A relevância de estudar a fenomenologia é ressaltar que ela se faz presente em várias áreas do saber, ou seja, no saber humano acerca do mundo. Novas abordagens críticas sobre a fenomenologia farão com que ocorram novos esclarecimentos de determinados conceitos, o que propicia pensamentos e ações conscientes diante das temáticas que envolvem o método fenomenológico. Designando novas pesquisas que valorizam o sujeito enquanto construtor da história e propulsor de ações por meio de seu intelecto.

A aproximação do universo empírico e o universo racional, a possibilidade de uma visão que não se prende nem à história nem ao sujeito, promovendo um embricamento dessas dimensões leva a concepção de que todo fenômeno tem uma essência que o identifica como singular e, ao mesmo tempo, como parte de um todo que o ultrapassa; a possibilidade de entender o mundo a si mesmo como uma universalidade dinâmica, sem que o paradoxo dessa realidade existencial a inviabilize enquanto compreensão racional e vivencial.

Para se compreender a fenomenologia é necessário haver a consciência e o objeto, sendo a evidência o início, o questionável, exigindo-se uma proposta metodológica para compreensão e retorno ao eu, para distinguir assim, o verdadeiro do falso. A preocupação da fenomenologia se dá com a unidade, com as manifestações, com o tornar clara as fontes, o retorno ao originário, entrar no domínio da consciência, no domínio dos fenômenos.

O objetivo maior deste trabalho é fornecer breves apontamentos no sentido de apresentar perspectivas que analisam a Fenomenologia da Vida elaborada por Michel Henry². “Primeiramente, Michel Henry é um filósofo

² Cf. Wondracek (2008). Michel Henry nasceu em 1922 em Haiphong (Vietnam), doutorou-se na Universidade de Lille, atuou na Resistência durante a Segunda Guerra. Entre 1960 -1987 foi professor titular da Cadeira de Filosofia da Universidade de Paul Valéry em Montpellier. Professor convidado da École Normale Supérieure e da Sorbonne em Paris, da Universidade Católica de Louvain, da Universidade de Washington (Seattle) e da Universidade de Tokyo. Faleceu em 2002. Suas principais obras:

profundamente influenciado pela herança da fenomenologia de Edmund Husserl (...), ele se afasta de qualquer cientificismo, biologismo ou psicologismo para buscar a essência ideal do mundo (...), associa a ideia de essência a termos como ‘Vida’ ou ‘Energia vital’” (PONDÉ, 2012, p. 8). Henry apresenta em suas obras dois movimentos que formam o seu pensamento: a crítica à filosofia tradicional e a proposta de um método fenomenológico de investigação da vida no advir de si mesma como *pathos*³.

Assim, inicialmente, será feita uma abordagem acerca da fenomenologia desenvolvida pelo filósofo. Em seguida, serão analisados dois pontos fundamentais: a afetividade e a não-intencionalidade. Para por fim estabelecer a orientação teórica que compreenderá a relação entre o conhecimento teórico e a realidade objetiva para a fundamentação de uma possível ética a partir da concepção da fenomenologia da vida.

A fenomenologia da Vida de Michel Henry

Ter consciência dos limites impostos à condição humana possibilita superá-los, encontrar o ponto de equilíbrio que traduz a relação entre o

L'Essence de la manifestation (1963)

Philosophie et phénoménologie du corps (1965)

Généalogie de la psychanalyse. Le commencement perdu (1985) [*Genealogia da Psicanálise: o começo perdido*, 2009]

La barbarie: une critique phénoménologique de la culture (1987)

Voir l'invisible: Kandinsky (1988)

Phénoménologie matérielle (1990)

Marx: I Une philosophie de la réalité; II Une philosophie de la économie (1991)

“*C'est moi la Vérité*” (1996) [*Eu sou a verdade*, 1998]

Incarnation: une philosophie de la chair (2000) [*Encarnação: uma filosofia da carne*, 2002]

Phénoménologie de la vie, volume 1 : Sur la phénoménologie

Phénoménologie de la vie, volume 2 : Sur la subjectivité,

Phénoménologie de la vie, volume 3: De l'art et du politique

Phénoménologie de la vie, volume 4 : Sur l'éthique de la religion

E também quatro romances: — *Le jeune officier*, (1954) — *L'amour les yeux fermés*,

(1976) [O amor de olhos fechados, 2001]. *Le fils du roi*, (1981) *Le cadavre indiscret*,

(1996.) *La vérité est un cri*, (1982). Seus escritos originais foram doados à Universidade de

Louvain, onde funciona atualmente um Centro de Pesquisa e Documentação da sua obra,

para posterior publicação. No Brasil: publicação de *A morte dos deuses*, dois capítulos

sobre Nietzsche de *Généalogie de la psychanalyse* (1984). Em 2009: Publicação integral de

Genealogia da Psicanálise, Tradução de Rodrigo Marques. Curitiba: Editora da UFPR,

2009. ISBN 978-85-7335-228-3. Para mais dados sobre Henry, consultar o site

www.michelhenry.com.

³ “*Páthos*, em grego, é paixão, a perturbação, a dor, a doença, enfim tudo o que nos afeta ou que suportamos” (COMTE-SPONVILLE, 2003, p. 442, grifos do autor). “Πάθος, εὖς ou οὖς, **s. n. I em geral** || o que se experimenta || prova, experiência || acontecimento || acontecimento no mar, infortúnio || estado agitado de alma || paixão (boa ou má: prazer, amor, tristeza, ira, etc.)” (ISIDRO PEREIRA, 1976, p. 421, grifos do autor).

imane e o transcendente, a ideia e a experiência, a razão e a intuição; é a forma pela qual o fenômeno se apresenta em sua consistência. Essas são premissas necessárias para a observação fenomenológica.

A fenomenologia da vida situa-se no limiar de uma fenomenologia histórica (a qual foi assim denominada por Michel Henry ao pensamento fenomenológico constituído por Husserl e Heidegger) a uma fenomenologia contemporânea ou futura. Esta irá formular-se a partir da análise da busca na consciência a existência humana, do acesso ao ser da vida, um sair do mundo das abstrações, o que leva ao entendimento de que a vida está em primeiro lugar.

Michel Henry (2009) afirma que ao se fazer a redução fenomenológica maciça, como foi proposto por Husserl, foi deixado de lado o mundo da vida, a preocupação maior estabelecida foi atribuída a questão da essência, do campo transcendental, de uma fenomenologia transcendental ocupada com a consciência constituinte que não se dirige ao ser objetivo, mas no sentido do aparecer dos fenômenos, se aproximando assim de um idealismo transcendental⁴.

Ponderando que a intuição alcançada pela “epoché” fenomenológica leva a essência dos fenômenos; que esta “epoché” pretende uma suspensão, um afastamento dos conceitos pré-estabelecidos pelos sentidos humanos, leva-se, então, ao entendimento de que o método fenomenológico não deixa de ser, ele próprio, um modelo de redução. Observa-se, então que:

Das reflexões que fizemos resultou a transcendência da coisa em relação a sua percepção e, por conseguinte, em relação a toda consciência que a ela se refira, não apenas no sentido de que a coisa não pode ser encontrada faticamente como componente real da consciência, mas antes porque toda essa situação é eideticamente evidente: em generalidade ou, melhor ainda, em necessidade *pura e simplesmente incondicionada*, uma coisa não pode ser dada como real imane e, nem numa percepção, nem numa consciência possível em geral. Surge, pois, a distinção eidética fundamental, entre *ser como vivido* e *ser como coisa* (HUSSERL, 2006, p. 100, grifos do autor).

Michel Henry (2009) introduz uma outra fenomenologia, que se configura fora da consciência clássica estabelecida por Husserl, afirmando que a evidência do sentimento⁵ não é explicada pela evidência da realidade objetiva da ideia. O enfoque maior se dá quando:

⁴ Fato consolidado em 1913 com a publicação de *Ideias para uma Fenomenologia Pura*.

⁵ “Entretanto o sentimento não possui autonomia ontológica. Sua essência é afetividade e afetividade quer dizer em Michel Henry auto-afecção em que afetante e o conteúdo afetado são a mesma coisa. É então o ser si mesmo, ou seja, a ipseidade da vida egológica que abre o espaço onde a afetividade se constitui precisamente a partir da ipseidade, como unidade imane do ser, de modo que nossos sentimentos, mesmo na eterna passagem de uma de

Michel Henry denomina sua filosofia, a partir do final dos anos 70, “fenomenologia material”. Este conceito de materialidade fenomenológica irá caracterizar a singularidade e radicalidade do seu pensamento no seio da fenomenologia contemporânea, ou seja, o projeto de aprofundar o sentido do campo transcendental compreendido como essência da manifestação. Se a fenomenologia é ciência da essência dos fenômenos e não meramente descrição dos fenômenos, seria necessário, a fim de evitar uma incoerência tamanha que a invalidaria metodologicamente, que a própria essência da manifestação fosse, por sua vez, revelação de si. Que ela fosse, afinal, fenômeno (FURTADO, 2008, p.231).

Com base no que já foi empreendido, entende-se a fenomenologia da vida como um novo pensar intuitivo por Michel Henry que abraça a vida, levar a um pensar do mundo, do cotidiano, do ser humano que não pode se distanciar do real, ou seja, a vida não pode se distanciar da vida, o homem está próximo à realidade. É interessante ressaltar que Henry reconhece o papel da história e seus processos, porém, não deixa de criticar os movimentos intelectuais.

Por que ter escolhido o título *Fenomenologia material* para designar a singularidade de seu pensamento? *Fenomenologia material*. Este título permanece essencial para mim. Ele designa a tarefa nova atribuída à fenomenologia: a elucidação no aparecer do que faz dele um aparecer, da matéria fenomenológica da qual é feito, do que faz esta matéria, que não é nada mais que a carne patética de nossa vida (HENRY, 2011, p. 222, grifos do autor).

Ao analisar o trecho acima, que é parte de uma entrevista feita com Michel Henry por Roland Vaschalde, percebemos a singularidade de seu pensamento, observa-se que a partir dessa Vida absoluta, Henry configura uma inversão da fenomenologia, já que direciona para a imanência, “a essência originária do agir é o movimento contínuo da Vida na sua auto-fruição. É por isso que a Vida é para si mesma, imediatamente, o seu próprio Mandamento e não precisa de injunções e de preceitos éticos exteriores e separados de si” (ROSA, 2006, p. 13). A vida além o domínio da ética e possui um saber, não há vida sem vivente, a vida consiste na auto-afecção de seu sofrer e fruir. De acordo com Wondracek (2010) Henry debruça-se sobre o afeto na sua tese de habilitação publicada como *L’Essence de la manifestation* (1963). A vida se manifesta como afeto, este é primário. - Vida é *affectus*, é um Si dado a si mesmo na vida, e apenas provado nesta. A partir deste sentir primitivo se desenvolvem a consciência,

suas tonalidades a outra, em seu fluir incessante, do sofrimento à alegria e vice versa, não rompe a unidade interior da vida neles” (FURTADO, 2008, p. 245).

A fenomenologia da vida: apontamentos sobre afetividade e não-intencionalidade para a fundamentação de uma ética no pensamento de Michel Henry – Janilce Silva Praseres.

o pensamento, a linguagem, a memória e as demais características e ações humanas.

De acordo com Martins (2004) já em 1996, Michel Henry era reconhecido como um dos maiores representantes da fenomenologia francesa contemporânea, com escritos com parte de seu pensamento já traduzido em diversos idiomas. Pensamento este que possui sua singularidade ímpar ao retomar questões com uma leitura fenomenológica distinta da husserliana e heideggeriana. No texto “*Michel Henry, fundador de la fenomenologia de la vida*” (2009) o autor Ricardo Oscar Díez, estabelece um percurso sobre o Henry fenomenólogo, instituidor da Fenomenologia da Vida⁶, para tanto, vai desde a leitura henryana sobre a fenomenologia histórica, passando pelas influências que o situa como criador de um pensamento que abre caminhos.

Michel Henry, além de resgatar questões sobre o aparecer, como um puro aparecer⁷ e sobre a fenomenalidade, expõe acerca do que é isso que chamamos vida, sobre o papel central desta, o que esquecimento da vida acarreta, e ainda, a cultura, barbárie⁸ e o corpo⁹ subjetivo.

Antes de adentrarmos no próximo tópico é interessante a ciência de que a incompreensão da fenomenologia da vida levou a muitas críticas¹⁰ às

⁶ “Hay que entender en qué consiste la revelación de la Vida. Nuevas influencias recibe Henry para pensar esta donación. Karl Marx, Maine de Biran, las epístolas de San Pablo, el evangelio de San Juan, los escritos del Maestro Eckhart se asocian, entre otros, a esta empresa. Antecedentes que lo llevan a formular otro concepto de fenomenalidad. “Pero ¿por qué otro concepto de fenomenalidad? No, una vez más, por efecto de nuestra decisión. La fenomenalidad se fenomenaliza ella misma, y según una forma que depende de ella, ante todo esfuerzo del pensamiento para asirla e independientemente de este. Ahora bien, la forma según la cual se fenomenaliza originalmente la fenomenalidad, es precisamente la vida, y ese modo de fenomenalización no tiene nada que ver con aquel que domina el pensamiento occidental”. La Vida se auto-dona, se auto-revela instaurando una nueva palabra. Verbo que no tiene distancia con el acontecer, que no es indiferente y que ES esencialmente creativo. Para escuchar la Palabra de la Vida no hay que “mirar hacia”, sino sentir lo que acontece en la carne que nos fue dada y por la que somos” (DÍEZ, 2009, p. 241).

⁷ “El núcleo de la reflexión fenomenológica es, para M. Henry, preguntar en qué consiste el aparecer puro. Para mostrar el modo en que la fenomenología histórica responde a esta interrogante, el pensador francés recorre los principios que la sustentan (DÍEZ, 2009, p. 236).

⁸ “A barbárie não é um início, sempre segue um estado de cultura que necessariamente a precede, e é só em relação à cultura que ela pode aparecer como empobrecimento e degenerescência. A barbárie, diz Joseph de Maistre, é uma ruína, não um rudimento. A cultura, portanto, é sempre primeira” (HENRY, 2012, p. 25).

⁹ “O corpo é vivido de dentro como um eu mesmo. É na palavra, na ação, que o *eu* está presente como pessoa, em carne e osso e é através dela, enquanto pertença de uma dada cultura, que o homem se constitui como portador de uma visão do mundo e das coisas” (AZEVEDO, 2005, p. 172, grifos do autor).

¹⁰ Gabriel Dufour Kowalska apresenta uma síntese destas críticas em “L’immanence en question”, *Phainomenon*, n. 13, Outubro, 2006. p. 83-101.

obras de Michel Henry¹¹. Todavia, também se faz necessário salientar que o pensamento deste ganhou contribuições ímpares como os estudos de Florinda Martins¹² e Rodrigo Vieira Marques¹³.

Furtado (2008) faz a seguinte indagação: filosofia da imanência absoluta, que situa na ipseidade do ego a revelação de si do fundamento absoluto que é vida, a vida individual concebida como afetividade invisível e incognoscível, a fenomenologia material não seria uma nova forma de solipsismo? Este ponto crucial leva a outra questão fundamental: a manifestação e seus modos – imanência e transcendência – , qual Furtado (2008) afirma ser o que há de mais inusitado e mesmo surpreendente na filosofia de Henry, porque o ser da realidade exterior não deve mais ser demonstrado.

Afetividade: essência da fenomenologia da vida

O tema da afetividade ganha uma abrangência e lugar especial na fenomenologia de Michel Henry, embora essa temática tenha sido trabalhada por outros pensadores¹⁴, é com este que o estudo da afecção será tomado como enredo da vida, como experiência, a experiência do próprio sentir.

¹¹ “La posición filosófica de Henry se sostiene o cae sobre la base de dos tesis radicales. La primera consiste en la afirmación de la que seguiremos llamando, puesto que en la filosofía contemporánea estas palabras son moneda corriente, *diferencia ontológica*. Esta diferencia prohíbe toda confusión entre el ser y el ente, entre el ser y aquello que, de alguna manera cualquiera, es. La segunda tesis radical de Henry es la identificación del ser – del Uno de la Diferencia ontológica – con el aparecer del aparecer; lo que supone, claro está, traducir la Diferencia em términos de *El aparecer y Lo que aparece*” (HENRY, 2009, p. 18, grifos do autor).

¹² “Em “Recuperar o humanismo”, mostra como é que a fenomenologia, em Henry, recupera os temas “pessoa” e “ipseidade”, ao denunciar as teorias cuja compreensão do “ser humano” que perdem a afecção primordial da vida, fixando a dimensão constitutiva de si em construções transcendentais distantes desta doação afectiva em si de si” (MARTINS, 2009, p. 12).

¹³ “Traduziu a *Genealogia da psicanálise* inteirando-se da sua fidelidade ao pensamento de Michel Henry, não apenas pela confrontação do seu trabalho com outras traduções, mas também com o conjunto da obra (traduzida ou não) do fenomenólogo de Montpellier” (MARTINS, 2009, p. 12, grifos do autor).

¹⁴ Com Spinoza no livro “*Ética*” (2009) que escreve sobre a origem e a natureza dos afetos; a servidão humana ou a força dos afetos. “Sei, é verdade, que muito celebrado Descartes, embora também acreditasse que a mente tem um poder absoluto sobre suas próprias ações, tentou aplicadamente, entretanto, explicar os afetos humanos por suas causas primeiras e mostrar, ao mesmo tempo, a via pela qual a mente pode ter um domínio absoluto sobre os afetos (SPINOZA, 2009, p. 97). E também em “*As paixões da alma*” de Descartes, que mesmo não tratando diretamente da terminologia afetividade, todavia, está relacionado, pois trata de paixões, de percepção, corpo, entre outros, “ora, considerando as diversas alterações que a experiência mostra em nosso corpo enquanto nossa alma é agitada por diversas paixões” (DESCARTES, 2005, p. 95).

A singularidade material e o reconhecimento da dimensão fenomenológica da vida, por meio da afetividade, é tão pulsante para Henry, que este consagrou sua fenomenologia intitulando-a como material ou fenomenologia da vida, devido a sua fenomenalidade pura¹⁵ e por apresentar determinações essenciais para a existência que são projetadas no primeiro plano: a questão do corpo¹⁶ e da afetividade¹⁷.

O ser da realidade exterior se experimenta e se desponta a partir da modalidade da auto-afecção que caracteriza o exercício da vida. Para tal reflexão infere-se:

Com efeito, o Si é a identidade do afetante e do afetado, ele é o ser no qual não há nada mais que ele mesmo, no qual tudo o que é, é ele mesmo, e é ele mesmo tudo aquilo que ele é. Um tal ser, Descartes o denomina alma, nós o denominamos vida. Pois a vida é aquilo que faz a prova de si mesma e tudo aquilo de que ela faz prova, tudo o que a afeta só a afeta sob esta condição prévia: que ela se afete a si mesma em si. Seja o que for, tudo o que está vivo traz em si essa essência da vida e só o que está vivo pode ser afetado pelo que quer que seja de outrem e pelo mundo (HENRY, 2009, p. 117).

Segundo Furtado (2008) fenomenologia material¹⁸ é a presença que se faz através da presença da vida no pensamento como poder que se auto-

¹⁵ “À fenomenalidade pura a que ele também chama *Fenomenologia material* e expõe numa obra com o mesmo nome. Porque, diz ele, é na materialidade, na concreção do próprio aparecer do fenômeno que a Vida advém a si: a vida dá-se com afeto. Porque o fenômeno para ser fenômeno captado pela intencionalidade terá antes de ser dado a si: afeto no seu ser” (MARTINS, 2014, p. 20, grifos do autor).

¹⁶ Observa-se que o pensamento henryano busca determinar a realidade humana a partir de questões pertinentemente exigentes, pois, ante de se definir a esfera da subjetividade faz-se necessária a problemática relativa ao corpo, Michel Henry (2012) pontua que o nosso corpo é antes de tudo um corpo *vivo*, indicando para uma região onto-fenomenológica diferente da extensão cartesiana e da realidade biológica. Todavia, esta investigação acerca da corporiedade no pensamento henryano demanda tempo, motivo pelo qual este trabalho não debruçou-se sobre esta questão. Porém, salienta-se que no início da obra *Filosofia e fenomenologia do corpo: ensaio sobre a ontologia biraniana*, Henry afirma que o conteúdo do estudo deste livro não deve nada às pesquisas contemporâneas de Merleau-Ponty, mas que tampouco se difere dele totalmente.

¹⁷ O que distingue o conceito de afetividade como ipseidade de si de Henry dos outros pensadores é a autonomia da presença do afeto, o seu caráter irreflexo. E a partir da autoafecção de si na vida que o afeto se anuncia, e não por uma intencionalidade que lhe afigure um valor ou lhe perceba uma direção, ou lhe atribua uma qualificação e decida responder-lhe ou não. Não há decisão, e na passibilidade do si e na impossibilidade de fugir do afeto que afeta, na total identidade entre ambos (WONDRACEK, 2010, p. 67).

¹⁸ “La fenomenologia material es la fenomenologia en um sentido radical, ya que en la donación pura tematiza su auto-donación y da cuenta de ella. No son ya objetos, «Objetos en el cómo», lo que ella percebe, sino una Tierra nueva en la que ya no hay objetos: son otras leyes, no ya las leyes del mundo y del pensamiento, sino las leyes de la Vida (HENRY, 2009, p. 94)

afeta. A essência do pensar é o *eu penso*, não porque me penso pensante no pensamento pensado, ao modo de uma reflexão, *mas* porque eu *sou*.

O ser encontra-se mediado afetivamente pela vida e estabelece correlação com a corporeidade. Em contrapartida temos a reflexão que:

Tenho consciência de um mundo cuja extensão no espaço é infinda, e cujo devir no tempo é e foi infinito. Tenho consciência de que ele significa, sobretudo: eu o encontro em intuição imediata, eu o experimento. Pelo ver, tocar, ouvir etc., nos diferentes modos da percepção sensível, as coisas corpóreas se encontram *simplesmente aí para mim*, numa distribuição espacial qualquer, elas estão, no sentido literal ou figurado, “à disposição”, quer eu esteja, quer não, particularmente atento a elas e delas me ocupe, observando, pensando, sentindo, querendo (HUSSERL, 2006, p. 73, grifos do autor).

Diante da fenomenologia de Husserl um fator que vai demarcar uma clara distinção entre a visão filosófica deste e a de Michel Henry é o recorte da fenomenologia atribuída à materialidade. Assim, observa-se:

O que constitui a essência da ipseidade, da egoidade, como diz Maine de Biran, é a interioridade da presença imediata a si mesmo. Diz o *Ensaio*: “É preciso que o *eu* tenha começado a existir por si mesmo”. Se o ego é transcendente, resulta que ele não existe por si mesmo, mas só por algo diferente dele, poder = *x*, meio transcendental, sujeito puramente lógico, nada, ou qualquer outro nome que se queira atribuir (HENRY, 2012, p. 54).

Com a fenomenologia material Michel Henry traz aspectos concretos da nossa vida, que revela um poder autoafetivo. Aborda o corpo não apenas como mero órgão de realização da vida, mas, sim, sendo a própria vida:

Compreende-se, então, toda a atenção dada por Michel Henry a Maine de Biran, pois a fenomenologia da vida recupera aquilo que as bioéticas e ciências afins sucessivamente perdem: a Vida que se constitui como nós e na qual nos constituímos, irrecusavelmente nas modalidades do sofrer e do fruir nas quais ela se nos dá (MARTINS, 2009, p. 31).

A fenomenologia henryana afirma que a essência da vida reside na autoafecção, nessa singularidade de sentir a si mesma e de se afetar, formando assim, o conteúdo que recebe e que afeta-a. Ressalta-se que não se trata da vida mirar-se enquanto seu próprio objeto, nem sem sentir por mediação do sentido, mas uma autoafecção originária, no sentido de ir à raiz de si, em um sentido radical.

Porque a vida é tão-só aquilo que experiencia em si mesma sem diferir de si, de modo que esta experiência é uma prova de si e não de outra coisa, uma auto-revelação em sentido radical (...). A vida experimenta-se a si mesma como *pathos*, é uma Afectividade originária e pura, uma Afectividade a que chamamos transcendental porque é ela, com efeito, que torna possível o experimentar-se a si mesma, sem distância no sofrer inexorável e a passividade inultrapassável de uma paixão. É nesta Afectividade e como Afectividade que se cumpre a auto-revelação da vida. *A afectividade originária é a matéria fenomenológica da auto-revelação que constitui a essência da vida*. Ela faz desta matéria, uma matéria impressional que jamais é uma matéria inerte, a identidade morta de uma coisa. É uma matéria impressional experienciando-se a si mesma impressionalmente e não deixando de o fazer, uma auto-impressionalidade viva (HENRY, 2000, p. 74, grifos do autor).

De tal modo, que pode se dizer que o pensamento henryano estabelece a essência mais originária da vida, a própria vida enquanto doação de si e a vida que está dada em seu aparecer¹⁹ no mundo, à vida que traz consigo a afetividade, afetividade esta que se traduz em sua via de “mão dupla”: na auto-afecção²⁰ e afetação.

De posse dos apontamentos acima conclui-se que o estar afetado é uma experiência a partir da subjetividade e a estrutura da auto-afecção é a entrada a partir da imanência, não passa pelo transcendental. A afetividade (paixões, prazer, sofrimento, etc.) é a essência da imanência, um experienciar-se sem necessidade de explicar-se, ou seja, a fenomenologia primeira, a fenomenologia da vida, a fenomenologia originária. Pois, o explicar essa afetividade seria secundário e não originário. Todavia, a afetividade vai além do campo sensível, é um sentimento de si e não um sentimento de si externo, apenas empírico.

O sentido da não-intencionalidade a partir da fenomenologia da vida

Michel Henry empreende o sentido de uma fenomenologia não-intencional partindo da crítica a fenomenologia intencional e assume ser esta uma tarefa pretenciosa que assume o risco da criticidade e denuncia da

¹⁹ Origem, em fenomenologia, designa a origem do ser, o seu princípio, o que faz ser e ser o que é. A origem do ser é o aparecer (...). Não o aparecer do mundo cujo <fora de> exclui *a priori* a possibilidade interior de qualquer impressão concebível, mas o aparecer da Vida, que é a Vida mesma na sua fenomenalização originária (HENRY, 2000, p. 70).

²⁰ “c’est que le concept de l’auto-affection n’est ni formel ni vide mais se donne au contraire pour contenu ce qui assure la possibilite ultime et dernière d’une telle manifestation. *L’auto-affection designe la retro-référence à elle-même de l’essence de la manifestation, c’est-à-dire cette essence même saisie dans ce qui constitue la possibilite ontologique de sa propre manifestation*” (HENRY, 1963, p. 290).

redução da fenomenalidade, que deixa de lado a maneira fundamental de como a fenomenalidade se fenomenaliza a qual abre novos campos de averiguação.

Assim, Henry explora que a fenomenologia não-intencional adquire o papel de formular a própria intencionalidade. Para tanto descreve que a fenomenologia intencional deixou lacunas que levaram a uma indeterminação fenomenológica.

Por outro lado, restaurando fenomenologicamente o fundamento da intencionalidade, arrancando a vida intencional ao anonimato no qual, em Husserl, se perde, a fenomenologia não-intencional reinscreve a intencionalidade num fundamento mais antigo que ela e reconhece na intencionalidade o não-intencional que, não obstante, permite a sua realização. Reinscrita no não-intencional, que assume a sua última possibilidade fenomenológica, a intencionalidade é subtraída à incerteza e à indeterminação, as únicas que permitem um uso arbitrário ou aberrante do seu conceito (HENRY, 1992, p. 2).

Para fundar a discussão entre intencional ou não-intencional da fenomenologia faz-se necessário uma clara apreensão do que constitui o objeto, a fenomenalidade enquanto tal, enquanto aparecer. O método fenomenológico possibilita a sistematização do processo intencional revelando o próprio sentido da intencionalidade. Deste modo:

Mesmo quando o método fenomenológico se pensa por referência ao aparecer que o funda, a compreensão deste último encontra-se já gravemente comprometida e falsificada à partida. O aparecer que está em questão é, precisamente, o que torna possível o método, o aparecer cuja mostra abre o campo de um ver e de um fazer-ver, [por outras palavras,] o aparecer em que a intencionalidade se lança e no qual se relaciona com tudo aquilo com que se relaciona (Id., 1992, p. 2).

O pensamento de Michel Henry é desafiante, pois toma como ponto de investigação a forma de compreensão do objeto²¹ e esboça um conjunto de análises a respeito da fenomenologia intencional. A saber:

Mais: é somente fora da intencionalidade, independentemente de todo o horizonte extático de visibilidade que se cumpre a Arqui-Revelação constitutiva do auto-aparecer do aparecer.

²¹ “Este por várias vezes foi designado por Husserl e pelos seus comentadores como constituído não pelas coisas, mas pela maneira como elas se dão, não por objectos, mas por «objectos no Como [Gegenskunde im Wie]. É, pois, o fenómeno considerado não no seu conteúdo em cada caso particular, mas precisamente no Como da sua doação. O Como da doação de um fenómeno é a sua fenomenalidade pura, não aquilo que aparece, mas o modo de aparecer, quer dizer, finalmente, o aparecer como tal” (HENRY, 1992, p. 03).

Arqui-Revelação porque, dando-se fora do *Ek-stase* e independentemente dele, realiza-se «antes» dele. Esta Arqui-Revelação enquanto um auto-aparecer é, realmente, o mais misterioso, mas também o mais simples e o mais comum; é aquilo que toda a gente conhece – a vida. A vida é fenomenológica num sentido original e fundador. Não é fenomenológica no sentido em que também ela se mostraria, [em que seria mais] um fenómeno entre outros. É fenomenológica no sentido em que é criadora da fenomenalidade. A fenomenalidade surge originalmente ao mesmo tempo que a vida, sob a forma de vida e de nenhuma outra maneira. A fenomenalidade acha a sua essência original na vida porque a vida experiencia-se a si mesma [*s'éprouve soi-même*], de tal maneira que este experienciar-se é o auto-aparecer do aparecer (Id., 1992, p. 13, grifos do autor).

O aparecer da vida, então, é um auto-aparecer, é deste modo que a vida institui-se como tal, pois:

A fenomenalidade de tal auto-aparecer, a substância fenomenológica de puro experienciar-se é uma afectividade transcendental, a única que torna possível qualquer coisa como o medo, o sofrimento ou a alegria – qualquer coisa, com efeito, que se experiencia a si própria e apenas consigo se relaciona e cuja relação é a sua afectividade. Passa-se o mesmo, porém, com todas as modalidades da vida, modalidades reveladas a si mesmas na e através da imanência desta afectividade pura. A afectividade é a essência fenomenológica da vida, a carne impressional em que o ver da intencionalidade não tem lugar – neste sentido, [a afectividade] é o não-intencional puro (Id., 1992, p. 13).

A fenomenologia da vida desenvolvida por Henry traduz uma redução radical distinta da redução feita por Husserl, mas uma contra-redução que dirige à fenomenologia não-intencional, ou seja, a fenomenologia da vida, que não se ocupa de nenhum ente, mas da fenomenalidade, da afectividade que leva a uma abertura ao mundo e seu conteúdo, o domínio da vida.

Ética - um esboço a partir da Fenomenologia da Vida

Segundo Rosa (2006) não são numerosos os textos onde Michel Henry trata *ex professo* da questão Ética enquanto tal. Porém, paradoxalmente, toda a obra deste filósofo pode ser considerada uma *ética*

radical, a qual determina a raiz do humano, a ascensão de si mesmo – “*humanismo ontológico*”²².

Certamente, a crítica se dá em relação a uma ética com finalidades e ações fora da subjetividade radical da vida. É pela imanência da vida que é decidida a sua ação, “as afecções primeiras da relação do homem ao mundo – *iles vécus, as vivências* -, foram recusadas e afastadas para dar lugar a uma atitude idealizante e essencializante”²³.

Michel Henry adverte que o nosso ser começa e acaba com a nossa vida fenomenológica e embora o percurso da evolução do saber científico e técnico, possuidor de um conhecimento considerável, tenha alcançado um elevado e admirável patamar teórico e prático, também causou diversos paradoxos e enfraquecimentos, principalmente, do ponto de vista ético que fundamenta ações humanas, valores e finalidades do dever fazer. Para tanto:

O que se pede à ética são duas coisas, pelo menos: no plano individual, um núcleo de certezas que permitam que cada um conduza a sua vida; no plano coletivo, uma unidade que ofereça à humanidade, e em primeiro lugar a cada grupo social, a cada nação, a possibilidade de formar uma comunidade de comportamentos, que se construa um *ethos* neste solo de convicções e de pensamentos comuns (HENY, 1987 apud ROSA, 2006, p. 8).

Diante de todo o trabalho decisivo e marcante da fenomenologia clássica – fenomenologia husserliana - Michel Henry reconhece a importância desta corrente filosófica. Todavia, entende que esta:

Ignorou, deste modo, a fenomenalização mais originária: a auto-revelação da subjetividade absoluta, ou seja, da Vida que revela a consciência à própria consciência, no plano de uma imanência radical, ante-mundana, e que lhe outorga todo o seu ulterior poder de dar a ver e de constituir o mundo. Paradoxalmente, afirma o nosso autor, Husserl não soube o que fazer com a *auto-impressionalidade* primordial que a Vida é para si própria e, por isso, retornou ao seu *eidós* (ideia), isto é, recuou para a sua essência ideal noemática, correlato da consciência constituinte (ROSA, 2006, p. 9, grifos do autor).

A ética encontra-se na própria vida, no auto-experienciar originário, no fruir. De acordo com Rosa (2006) falar de Vida ética é, assim, uma redundância, porque a *Vida é ética e o ethos é a Vida*, num *enlance patético*

²² Florinda Leonilde Ferreira MARTINS. *O humanismo filosófico de Michel Henry: para uma ontologia do sentir* (Tese de doutoramento, dact.), Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Ciências Humanas, 2000.

²³ ROSA, José M. Silva. **O ‘ethos’ da ética**. Estudos de fenomenologia, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2006, p. 279 a 290.

primordial. Portanto, Henry levanta críticas pelo desconhecimento radical da natureza da vida e seu *pathos* originário²⁴.

É, pois, na auto-revelação da Vida absoluta, como doação passiva para si mesma, que também cada *Soi-même* é dado e vem a ser, não apenas como eu transcendental, mas como vivente, singular, concreto, nas suas moções mais secretas e humildes e em todos os seus poderes. Não é, portanto, a vida ideal, noemática, essência abstracta, mas a vida concreta dos vivente (O Pedro, a Ivete) a começar pelos poderes mais experienciais e basilares do homem, ligados aos poderes do corpo vivido, da carne. Poderes mínimos, que são nossos num poder que nos é anterior (Id., 2006, p. 13, grifos do autor).

Desta forma Michel Henry esclarece que a essência originária do agir é o movimento ininterrupto da Vida, por isso compõe-se como uma ética interior envolvida em seu próprio mandamento e não tem sentido fora de si, o lugar do agir é a vida, que direciona o viver. Entretanto, ao considerar isso é formular consequências decisivas aonde o vínculo ético torna-se de certa maneira estranho ao campo da ciência, que não dita às regras do que devemos fazer.

O avanço tecnológico se ocupa fundamentalmente do produzir e produzir cada vez melhor, atenta-se com a finalidade do seu produzir enquanto evolução técnica e não se preocupa devidamente com fins éticos do agir, da moral. Observa-se:

É por convenção que reservarei o termo “ética” para o desígnio de uma vida consumada sob o signo das acções estimadas como boas, e o de “moral” para o aspecto obrigatório, marcado por normas, obrigações e interdições caracterizadas simultaneamente por uma exigência de universalidade e por efeito de coerção. Na distinção entre o desígnio de uma vida boa e a obediência às normas, facilmente se reconhecerá a oposição entre duas heranças: a herança aristotélica, onde a ética é caracterizada pela sua perspectiva *teleológica* (de *telos*, que significa “fim”); e uma herança kantiana onde a moral é definida pelo carácter de obrigação da norma e, portanto, por um ponto de vista *deontológico* (deontológico significando precisamente “dever”) (RICOEUR, 2011, p. 4, grifos do autor).

Por fim, o esboço ético que se forma a partir da Fenomenologia da Vida é que a ética não é exterior, ela é a teoria da ação essencial da vida, sendo assim o próprio agir sem mediação. De acordo com Rosa (2006) a Vida nunca erra, é aqui que Michel Henry chama de “*práxis radical*” ou um “*savoir-faire originel*” que “*pousse à l’action*”, esquecer esta imanência

²⁴ Cf. Rosa (2006). “*Cet accroissement de l’avie (...) est bien un pathos, um s’éprouver soi-même*”, e isto é “*quelque chose qu’elle subit constamment dans um subir plus fort que as liberte*” (HENRY, 2001).

radical da Vida ou apropriar-se dela como se fosse nossa (possibilidade de um egoísmo transcendental) só pode levar ao regresso da barbárie. O agir, então, levará a transformação interior e patética da vida.

Considerações Finais

Michel Henry segue a tradição fenomenológica, pertence à fenomenologia ontológica, não sai da metafísica ontológica ocidental. Porém, configurou-se como um crítico assíduo que propôs a valorização do corpo, da afetividade, a qual levou esta a criticar a razão. Nota-se uma epistemologia do conhecimento presente no pensamento de Henry.

A fenomenologia empreendida pelo referido autor sofreu e ainda irá sofrer duras críticas, tais como: fenomenologia mística e frágil, que revelam uma leitura totalmente descabida acerca de Michel Henry e seu rigor fenomenológico.

Novas abordagens críticas acerca da fenomenologia farão com que ocorram novos esclarecimentos de determinados conceitos, o que propicia pensamentos e ações conscientes diante das temáticas que envolvem o método fenomenológico. Designando novas pesquisas que valorizam o sujeito enquanto construtor da história e propulsor de ações por meio de seu intelecto.

A fenomenologia constitui-se como um movimento filosófico de possibilidades, que deu margens a um horizonte de renovação do homem. Tarefa esta inesgotável, na qual o ser humano se dá na própria vida, na factualidade, na iniciativa, na ideia de começo e liberdade.

Não é característica de uma filosofia especial, mas a essência da própria filosofia, que nela o homem *todo* se encontre em plena atividade, com a totalidade concentrada das suas faculdades espirituais superiores. No seu aspecto subjectivo, isto corresponde ao facto fundamental de que a filosofia é uma – diversamente das ciências que, por essência, são muitas. Esta diferença de unidade e multiplicidade constitui já também um rasgo distintivo, por princípio, entre a filosofia e a essência da ciência (SCHELER, 2002, p. 29, grifos do autor).

Completando, a atitude investigativa proporciona o ímpeto de renovação da filosofia com tendências profundas de um refundar-se e a sempre disposição de pensar. É sob esta ótica que encontramos Michel Henry e seu pensamento radical.

Diante dos apontamentos, por fim, se observa que a questão da ética encontra relação estrita com a ciência e a contemporaneidade, abordando um vivido que ao mesmo tempo produz e consome a partir do desenvolvimento tecnológico que requer um domínio ético também.

Referências bibliográficas:

Livro

- ANTÚNEZ, Andrés Eduardo Aguirre; MARTINS, Florinda; FERREIRA, Maristela Vendramel (Orgs.). *Fenomenologia da vida de Michel Henry*: interlocução entre filosofia e psicologia. São Paulo: Escuta, 2014.
- COMTE-SPONVILLE, André. *Dicionário filosófico*. Trad. Eduardo Brandão. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DESCARTES, René. *As paixões da alma*. Trad. Rosemary Costhek Abílio. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- HENRY, Michel. *A barbárie*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: É Realizações Editora, 2012.
- _____. *Encarnação: uma filosofia da carne*. Trad. Florinda Martins. Portugal: Círculo de Leitores, 2000.
- _____. *Fenomenología material*. Trad. Javier Teira y Roberto Ranz. Madrid: Ediciones Encuentro, 2009.
- _____. *Filosofia e fenomenologia do corpo: ensaio sobre a ontologia biraniana*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: É Realizações Editora, 2012.
- _____. *Genealogia da psicanálise o começo perdido*. Apres. Florinda Martins. Trad. Rodrigo Vieira Marques. Curitiba, PR: Editora UFPR, 2009.
- _____. Indicações biográficas: entrevista de Michel Henry com Roland Vaschalde. Trad. Rodrigo Vieira Marques. In: MARQUES, Rodrigo Vieira; MANZI FILHO, Ronaldo (Orgs.). *Paisagens da fenomenologia francesa*. Curitiba, PR: Editora UFPR, 2011.
- _____. *L'essence de la manifestation*. Paris: PUF, 1963.
- _____. *O cadáver indiscreto*. Trad. Nélia Maria Pinheiro Padilha Von Tempski-Silka. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.
- _____. *O jovem oficial*. Trad. Pablo Simpson. São Paulo: É Realizações Editora, 2012.
- _____. *Palavras de Cristo*. Trad. Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.
- _____. *Ver o invisível: sobre Kandinsky*. Trad. Marcelo Rouanet. São Paulo: É Realizações Editora, 2012.
- HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma filosofia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Trad. Márcio Suzuki. 2. ed. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.
- ISIDRO PEREIRA, S. J.. *Dicionário grego-português e português-grego*. 5. ed. Lisboa: Livraria Apostolado da Imprensa, 1976.
- MARTINS, Florinda. Apresentação. In: HENRY, Michel. *Genealogia da psicanálise: o começo perdido*. Curitiba, PR: Editora UFPR, 2009.

PONDÉ, Luiz Felipe (Apres.). Os diálogos de Michel Henry contra o submundo. In: HENRY, Michel. *A barbárie*. São Paulo: É Realizações Editora, 2012.

SPINOSA, Benedictus. *Ética*. Trad. Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

Trabalhos disponíveis na Internet

AZEVEDO, Stella. *Do corpo subjectivo e a ideia de saúde na fenomenologia da vida de Michel Henry*. Revista da Faculdade de Letras, Série de Filosofia, Portugal, Universidade do Porto, n. 22, 2005. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4644.pdf>. Acesso em: 03 de junho de 2014.

DÍEZ, Ricardo Oscar. *Michel Henry: fundador de la fenomenología de la vida*. Acta fenomenológica latinoamericana. Volumen III (Actas del IV Coloquio Latinoamericano de Fenomenología) Círculo Latinoamericano de Fenomenología Lima, Pontificia Universidad Católica del Perú; Morelia (México), Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, 2009, p. 233-245. Disponível em: http://www.clafen.org/AFL/V3/233-245_Ricardo-Diez.pdf. Acesso em 27 de outubro de 2014.

FURTADO, Luiz José. *A filosofia de Michel Henry: uma crítica fenomenológica da fenomenologia*. Dissertatio, p. 231-249, inverno/verão de 2008. Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br/isp/dissertatio/revistas/27-28/27-28-10.pdf>. Acesso em 18 de abril de 2013.

HENRY, Michel. *As ciências e a ética*. Trad. Florinda Martins. Covilhã: LusoSofia: Press, 2010. Disponível em: www.lososofia.net. Acesso em: 18 abril de 2013.

_____. *Fenomenologia não-intencional*. Trad. José Rosa. LusoSofia: Press, 1992. Disponível em: www.lusosofia.net. Acesso em: 18 abril 2013.

_____. *O começo cartesiano e a ideia de fenomenologia*. Trad. Adelino Cardoso. Covilhã: LusoSofia: Press, 2008. Disponível em: www.lusosofia.net. Acesso em: 18 abril 2013.

MARTINS, Florinda. *Michel Henry: beatitude e fenomenologia*. Revista Portuguesa de Filosofia, Portugal, Fasc. 4, Filosofia & Cristianismo: II - Efeitos Pós-Modernos, 2004. Disponível em: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/40337870?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21104954076407>. Acesso em: 20 de outubro de 2014.

RICOEUR, Paul. *Ética e moral*. Trad. Antônio Campelo Amaral. Covilhã: LusoSofia: Press, 2011. Disponível em: www.lusosofia.net. Acesso em: 18 abril 2013.

ROSA, José M. Silva. *O 'ethos' da ética*. Estudos de fenomenologia, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2006. Disponível em: www.lusosofia.net. Acesso em: 15 de junho de 2013.

SCHELER, Max. *Da essência da filosofia*. Trad. Artur Morão. LusoSofia: Press, 2002. Disponível em: www.lusosofia.net. Acesso em: 15 de junho de 2013.

WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. *Da felicidade ao pathos: uma introdução à Fenomenologia da Vida de Michel Henry*. Este texto está baseado na palestra realizada no Encontro de Psicanálise da Sigmund Freud -Associação Psicanalítica de Porto Alegre, em 3 de setembro de 2008. Disponível em: http://www.sig.org.br/_files/artigos/dafelicidadeaopathosumaintroduofenom-enologiadavidademichelhenry.pdf. Acesso em: 10 de junho de 2013.

_____. *Ser nascido na vida: a fenomenologia da vida de Michel Henry e sua contribuição para a clínica*. Dissertação (Doutorado em Teologia)-Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo, 2010. Disponível em: http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=245. Acesso em: 20 de junho de 2013.